

Dissertação-modelo

Imprensa sensacionalista e espetacularização de tragédias

Para discorrer sobre imprensa sensacionalista e espetacularização de tragédias, é preciso, inicialmente, resgatar a Alemanha do século 15, quando Gutenberg revolucionou a propagação de informações, ao criar a prensa móvel. Àquela época, a prioridade era a informação, e não o respectivo veículo, o que hoje, infelizmente, se inverte, uma vez que, sem dúvida, o veículo tem maior importância do que a informação, haja vista o fato de que ele lança mão de todos os meios, lícitos ou não, para sobreviver em meio à concorrência e, desse modo, depende de picos de audiência. Isso é alcançado graças ao sensacionalismo barato, com a espetacularização de tragédias.

Nesse sentido, no instante em que se multiplicam as catástrofes, os “furos de reportagem” são garimpados a preço de ouro – ganha o repórter mais rápido e mais habilidoso com a palavra falada e escrita. Isso porque, dada a concorrência, é preciso fidelizar o consumidor de notícias, e, para tanto, vale não só enfeitar ou enfeiar as informações, como também fraudá-las; as imagens completam a catarse. Isso lembra, inclusive, os empresários do século 19, que promoviam o “show de horrores”, explorando deformações, mutações genéticas e doenças raras, tudo para deleite do público.

Além disso, o pico de audiência e a consequente receita, dos quais depende o canal, sobrepõem-se à qualidade e à legitimidade da informação. Ao que tudo indica, há, por detrás das telas, o mesmo gosto pelo antigo espetáculo de horrores, agora travestido de escombros da Boate Kiss, de tapas trocados entre Neymar e Najila, e de outras ocorrências nas mãos do jornalista que chegar primeiro ao cenário dos fatos. Entretanto, é preciso advertir a sociedade que tais episódios, embora sejam pretextos para os folhetins e para as polêmicas de ocasião, não servem para o jornalismo responsável, que deve se pautar na honesta condução das notícias.

Portanto, a sociedade, representada pelas famílias e pelas escolas, deve intervir, porque, além de consumidora, é peça primordial para diminuir a incidência do sensacionalismo e da espetacularização das tragédias. Para tanto, é preciso que escolas, por meio de profissionais do jornalismo, da sociologia e de outras áreas que envolvam as ciências sociais, promovam palestras a toda a comunidade escolar – alunos, famílias e demais colaboradores – com o propósito de conscientizá-la a respeito da necessidade de sermos mais críticos, e de não nos rendermos ao sensacionalismo barato tão em voga nesses últimos tempos. Afinal, o show de horrores já não está em cartaz.

Por Gislaine Buosi

Confira a análise estrutural da dissertação:

Repertório sociocultural;

Tese;

Síntese do primeiro argumento;

Síntese do segundo argumento e apresentação completa do tema;

Desenvolvimento do segundo argumento, com repertório (II);

Desenvolvimento do primeiro argumento, com aproveitamento de repertório (II) e exemplificação;

Conclusão – proposta de intervenção social;

Frase de fechamento.